



DISCOS

cultura@jn.pt

O Evangelho e o Roque-Enrole**Tiago Guillul**

IV

8/10



É possível fazer-se punk cristão? Sim, é - e Tiago Guillul fá-lo melhor do que ninguém. O fundador da editora Flor Caveira lança, agora, "IV", registo de inspiração cristã mas com ambiguidade suficiente para baralhar o ouvinte. Há lá gospel, pop e, como ele próprio diz, "O Evangelho do Senhor Jesus Cristo e o Roque-Enrole". Um punhado de canções estupidamente sobre "o punk que há na minha teologia". Sem rodeios: um dos melhores discos do ano da música portuguesa. **CRISTIANO PEREIRA**

Reverência excessiva é o maior inimigo**Murdering Tripping Blues**

KNOCKING AT THE BACK DOOR MUSIC

5/10

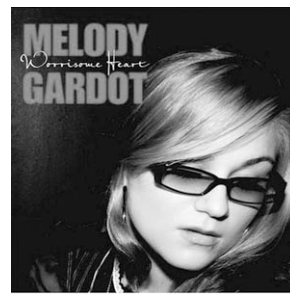


→ Eis como um punhado de boas influências e uma energia contagiante nem sempre redundam num disco satisfatório: os Murdering Tripping Blues afirmam-se seguidores dos grandes 'blues men' dos anos 30 e de vários rockers actuais, de Jon Spencer a Josh Homme, mas raramente conseguem içar-se do mimetismo e de uma reverência excessiva aos mestres. Os bons augúrios iniciais vão-se dissipando na exacta medida da repetição de fórmulas do trio lisboeta. **SÉRGIO ALMEIDA**

A estreia madura de uma rapariga tímida**Melody Gardot**

WORRISOME HEART

6/10



→ "Worrisome heart" é pouco mais do que 30 minutos de música. Parece um gole apressado no café que obriga o ouvinte a carregar no 'repeat' vezes sem conta. Melody Gardot oferece, com requinte, um cocktail de jazz, folk e blues. Dizem que faz lembrar Peggy Lee ou Tom Waits. E é comparada a Diana Krall e Norah Jones. Mas, Melody Gardot - menina que começou a cantar aos 16 anos em bares - é, agora, aos 23, mais do que uma mera estreante. Soa a maturidade. Vibrante. **MARTA NEVES**

Fins de tarde preguiçosos**Patrice**

FREE PATRI-ATION

5/10



→ Ele costuma dizer que a música dele é totalmente diferente de tudo o que existe. Pecará por exagero. O cantor alemão não é novo nestas andanças. E este disco é um bocadinho mais do mesmo, com excepção do-seada para os temas "Same ol' story feat" e "Dove of peace". As letras dos restantes originais são honestas, sem surpreender, oscilando entre a soul, a folk e o pop/reggae. Sem grande envolvimento, propício para ouvir naqueles doces fins de tarde preguiçosos. **DOMINGOS DE ANDRADE**

Todos os sintomas de um disco ECM

RUI BRANCO
rbranco@jn.pt

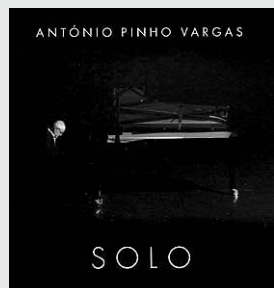
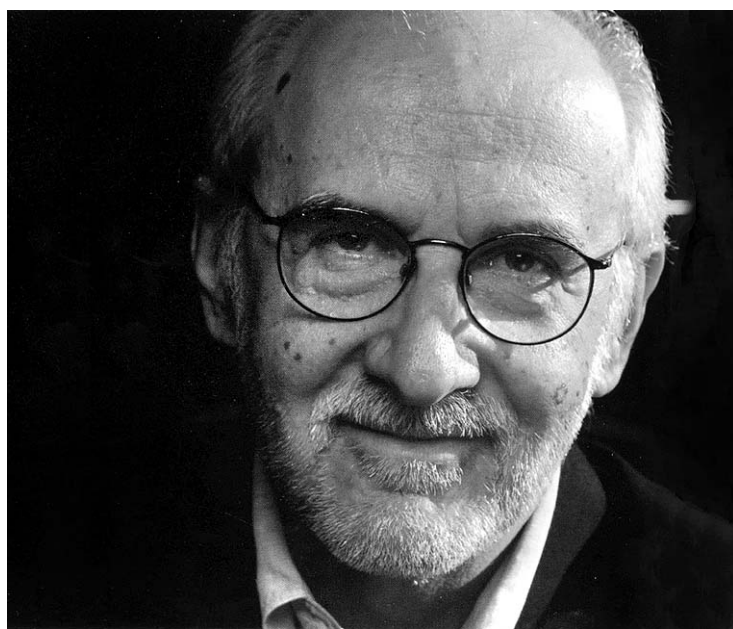
Ao fim de 12 anos, António Pinho Vargas resolveu sair do seu casulo de música erudita contemporânea para soltar o criador e improvisador de pradarias jazzísticas que esteve adormecido durante tanto tempo.

Para qualquer pianista gravar um álbum a solo é algo que está sempre no seu horizonte. Mas uma coisa é investir em composições de inequívoco estatuto, como os intérpretes de música clássica, outra é apostar nos seus originais e, ainda por cima, em dose dupla.

Em boa hora, António Pinho Vargas surge com este "Solo", gravado durante três dias no pequeno auditório do Centro Cultural de Belém, em Dezembro do ano passado. Aqui revisita temas dos álbuns de jazz que deixou no passado, com todos os sintomas de um disco da ECM: tem o ambiente, o conteúdo e é tocado por um grande músico.

Sonoridade diversa

O pianista e compositor não quer catalogar "Solo" como proposta de jazz e, se calhar, tem razão. Para além dos fluidos jazzísticos há muita sonoridade dispersa a navegar entre os seus dedos. Há momentos que nos deixam colados ao sofá lá de casa. Há muita melancolia. As suas improvisa-

**António Pinho Vargas**

"SOLO"

8/10

A maturidade com que Pinho Vargas aborda os temas de jazz que compôs no passado não espanta. Em mais de 30 anos de carreira é um dos músicos nacionais com maior "background".

ções estão carregadas de um indefinível sentimento português. E há ainda outro aspecto particular: a maioria dos temas estão vivos no nosso inconsciente e é com prazer redobrado que fruimos as novas abordagens ("Tom Waits", "Fado negro", "La Corazon", "Ju-

ne", "Dinky Toys", entre outros). Vargas intitulou os discos como "Imperfeições 1" e "Imperfeições 2". Os próximos capítulos, "Imperfeições 3" e "Imperfeições 4" estão anunciados para o próximo ano. Ficamos à espera. ■

VINTAGE

Rock independente com neurónios

→ Após a primeira declaração de óbito feita ao quarteto inglês Bauhaus, em 1983, Peter Murphy aventurou-se, com Mick Karn, dos Japan, na condução do projecto Dalis Car. Foi bom enquanto durou. Durou um LP, "The waking hour". Depois, seria a caminhada a solo do vocalista, que verteu dois álbuns interessantes - "Should the world fail to fall apart" e "Love hysteria".

Por seu lado, o guitarrista, Daniel Ash, engendrou o veículo Tones on Tail, com oferta de medianos discos pop. Mais tarde, viria "Coming down", notável LP em nome próprio. David J., baixista, também experimentou a solidão. Registou, entre outros, "Etiquette of violence" e "Songs from another season".

Após os Bauhaus, o irmão de David J., Kevin Haskins (baterista), dedicou-se apenas aos Love and Rockets. É, precisamente, a banda do trio Ash, J. e Haskins que justifica o título deste texto. Em rigor, o segundo álbum de uma discografia que remonta a 1985 e que desde 1999 não oferece notícias originais.

"Express" guarda a feliz simbiose entre a aspereza das guitarras, a doçura da melodia e o carácter onírico das vocalizações. Típico rock independente de meados da década de 80.

No entanto, o que valoriza "Express" - bem como o registo anterior, "Seventh dream of teenage heaven", e o posterior, "Earth, sun, moon" - é a capaci-

**Love and Rockets**

EXPRESS

1986

dade dos Love and Rockets em construir um discurso estético imediatamente identificável. O problema foi a redundância em que acabaram por cair. O concerto de hoje, no Porto, pode esclarecer. Ou talvez não... **EMANUEL CARNEIRO**